



WORLD
WARCRAFT
MISTS of PANDARIA

BLIZZARD ENTERTAINMENT

A Prova das Flores Vermelhas

por Cameron Dayton

Dez estivera seguindo os estranhos a tarde inteira. Estava certo de que tinham dinheiro. Podia ver isso na postura deles, nas roupas, na maneira confiante como andavam pelo mercado. Discernir a riqueza de vítimas em potencial tinha mantido Dez vivo naqueles tempos difíceis.

Havia quatro deles — quatro viajantes do norte, a julgar pelos pesados mantos. E se as vestes fora de época não eram prova suficiente da origem estrangeira dos recém-chegados, o guia escolhido por eles certamente era: Jogu, o velho bebum jinyu que passava a maior parte do tempo cochilando à beira do lagunho de água estagnada perto do mercado. Ele era magro para um jinyu, dado a arengar engroladamente, e muitas escamas faltavam em seu corpo. Por que motivo aqueles cavalheiros o teriam escolhido como guia era um mistério para Dez. Mas, de qualquer forma, eles deviam ser mãos-abertas, pois Jogu parecia ter mais energia do que jamais demonstrara em anos, gesticulando e apontando para as paisagens e vistas medíocres do Mercado de Meia Colina como se fossem monumentos do Templo de Jade.

Quanto aos quatro viajantes, eles se portavam com discrição, sem darem corda às macaquices do homem-peixe. Era óbvio que aqueles pandarens esperavam um guia mais direto e *silencioso* até seu destino, e já se arrependiam da escolha.

Dez se recostou contra a parede do beco e tentou pensar. Era difícil pensar com a barriga doendo de fome, mas aquilo não mudaria se ele não pusesse a cabeça para trabalhar. A colheita fora escassa naquela estação, mesmo no Vale dos Quatro Ventos. Os fazendeiros andavam mais cuidadosos com seus produtos, e havia mais guardas ao longo

das rotas de comércio do que jamais houvera. Já fazia um dia desde que ele tinha comido — um pêssigo que caíra da carroça de um vendedor de frutas na saída do mercado. Ou... que *parecera* ter caído, justo quando a carroça passara perto de onde Dez se escondia nas sombras. Dez já tinha se beneficiado da "falta de cuidado" de Kim Won Gi antes; ele queria até agradecer ao generoso comerciante... mas não estava preparado para parar de roubar dele ainda. De que outra forma um ladrão iria sobreviver?

Ladrão. Dez não tinha orgulho do que fizera, do que precisava fazer. Se seu pai estivesse vivo, ele torceria as patas, afligido pela tristeza.

Não é possível mudar as estações.

O grupo seguiu. Jogu tinha terminado um longo solilóquio sobre o Altar do Comerciante Honesto, uma apresentação emotiva e épica, acompanhada de gestos e salamaleques. Como os clientes de Jogu se mostraram muito receptivos à sua empolgação — nem lhe deram gorjeta alguma enquanto estava parado lá, com os braços levantados como uma robusta árvore taolun —, ele deu de ombros e voltou a caminhar. Os estranhos o seguiram, e um deles balançou a cabeça.

Dez tinha certeza de que eles estavam indo para o Conselho dos Lavradores. Era o único prédio importante naquela direção. Ele sorriu. Claro que aqueles forasteiros abastados estavam ali para conhecer o poderoso sindicato dos fazendeiros, talvez para discutir contratos e negócios. Mercadores, talvez? Isso explicaria os grandes mantos que cobriam barrigas amplas e bem alimentadas, e — se Dez não estivesse enganado — escondiam bolsos fundos e sacos cheios de ouro. Observando com atenção, podia ver o modo como o tecido negro repuxava perto da cintura dos viajantes. Sim. Havia dinheiro ali embaixo. Seus dedos tremeram.

O grupo estava cruzando a Ponte Fo quando aconteceu. Nam Pata de Ferro, o despenseiro, tinha acabado de chegar no ponto mais alto da ponte com uma carroça cheia de salmões. Uma das rodas tinha se afrouxado, e enquanto Nam acenava para os viajantes que se aproximavam, a carroça cedeu. O robusto hortelão se voltou, alarmado e impotente

enquanto a carroça sobrecarregada batia com estrondo no chão e despejava o conteúdo de uma noite de pesca farta pela ponte.

— Não! Não! — gritou, e seus bigodes se sacudiam em frustração.

Uma avalanche úmida e prateada se derramou pelas tábuas da ponte, e a balaustrada canalizou a torrente para o aterrorizado Jogu e seus clientes. O pobre jinyu, obviamente ainda bêbado, repetiu os gritos de Nam — "Não! Não!" — e tentou fazê-los parar com gestos súplices desesperados. Os salmões mortos não deram a mínima.

Com uma pancada úmida, o grupo foi soterrado. Dez sorriu ao pensar nos viajantes empapados de gosma fedida de peixe. A onda passou pelo grupo em um instante, e os últimos salmões escorregaram para os lados da ponte e caíram no rio lá embaixo. Os quatro mercadores pandarens se agacharam e se agarraram às tábuas para não cair, e agora ajudavam uns aos outros a se levantar. Jogu fora arrastado com os peixes para a água, e não emergiu mais. Isso era mais engraçado que preocupante: o ébrio jinyu estava mais confortável na água que em terra. Gritos e risos ecoaram do mercado, e a família de Nam e outros aldeões vieram correndo.

Dez sabia que a hora de atacar tinha chegado.

Saindo das sombras, ele se uniu à multidão que ia em direção à carroça tombada. Leve e magro demais para sua idade (catorze anos), com tufo de pelo cinzento que eram brancos nos demais pandarens, Dez não teve dificuldade para passar despercebido em meio ao caos. Raramente tinha. Discrição era uma especialidade dele, o filho caçula de um pobre plantador de nabos, batizado com a posição em que chegou ao nascer.

Os cinco irmãos mais velhos tinham dividido a propriedade quando o pai morrera, mas logo descobriram que cinco lotes de uma fazenda paupérrima não poderiam sustentá-los. Para que iriam dividi-la ainda mais, se o resultado era passarem fome? Assim, os cinco mais jovens tiveram que escolher entre ficar como empregados... ou partir. Dez partira, para o alívio dos parentes. Não havia nada na fazenda para um pandaren jovem, mesmo. Duvidava que eles tivessem notado sua ausência.

Mais à frente, ele podia ver os membros da família Pata de Ferro tentando levantar a carroça enquanto os outros juntavam quantos peixes podiam em cestos, panelas e aventais. Nam aproximara-se dos quatro estranhos com a cabeça abaixada, desculpando-se atarantado. Dez esperara que os ricos mercadores ficassem furiosos com aquela recepção gosmenta a Meia Colina, mas surpreendeu-se ao ver que eles estavam rindo — uma risada suave e cheia que sacudia a ponte enquanto eles tiravam escamas dos chapéus, batendo nos ombros uns dos outros. Um dos viajantes tirou um peixe enorme do colarinho e o entregou a Nam com um aceno. O despenseiro, aliviado com o bom humor dos forasteiros, afastou-se para supervisionar a coleta dos peixes. O preço do salmão estava alto, e fazia meses desde que sua carroça estivera tão repleta.

Dez se adiantou, juntando peixes discretamente com o resto da família Pata de Ferro. Ao se aproximar dos viajantes, fingiu escorregar e trombou contra o maior deles. O mercador se voltou e Dez engoliu em seco. Seu alvo só tinha um olho. Uma longa cicatriz cruzava o rosto do viajante da testa até o queixo, e ele usava um tapa-olho. O mercador obviamente estava acostumado com esse tipo de reação, pois sorriu e ajudou Dez a se firmar, instando-o a tomar cuidado com as tábuas molhadas. Sua voz era firme, mas gentil, e o jovem ladrão sentiu uma pontada de culpa por roubar de uma alma tão boa.

Mas bons pensamentos não calam uma barriga roncando.

Dez curvou-se timidamente, um mero filhote de aldeia, e se afastou. A bolsa de couro que afanara estava escondida sob sua túnica imunda, e ele estava ansioso para ver as riquezas que ela continha. Ouro? Era leve demais. Joias? Talvez. Dez esperava que fosse o suficiente para pagar alguns almoços quentes e outro cobertor. A chegada do inverno o preocupava. O pequeno pandaren também surrupiara alguns peixes pequenos, mas temia abusar da sorte. Seu estômago roncou outra vez.

Ele chegou aos limites do mercado e fingiu espanar escamas das mangas da túnica enquanto olhava a cena atrás de si. Ninguém notara que ele se afastara, e todos ainda se ocupavam em recuperar os peixes antes de serem todos carregados pela lenta corrente. Puxando a bolsa da túnica, ele afrouxou rapidamente o cordão que a fechava e esvaziou o conteúdo na palma da pata.

Não era ouro, nem joias. Era um pergaminho. Dez esmoreceu. Um pergaminho imbecil enrolado num bastão de bronze com pontas de marfim. Ele ergueu o artefato delicado, rompendo o selo de cera para ver se poderia fazer o pergaminho em pedaços. Talvez ele conseguisse vender o marfim.

Seus olhos passaram pela página, lendo as palavras sem querer. Anos antes, Sete ensinara o caçula a ler, para que ele ao menos ajudasse na contabilidade pós-colheita. Dez aprendera rápido, e aquela habilidade se revelara útil quando ele tinha que escolher qual sacola roubar de uma banquinha de feira não vigiada. A mensagem fora escrita com pinceladas fortes, urgentes, e, ao ler, Dez sentiu o pânico crescendo em seu coração.

Honorável Haohan Garra de Barro, Líder dos Lavradores no Vale dos Quatro Ventos,

Esta mensagem traz uma saudação, uma bênção para seus campos e um aviso. Nossas fontes indicam que várias tribos yaungóis estão vindo para o leste, pelas Estepes de Taolong, de um modo que lembra mais uma fuga que um ataque. No passado, isso ocorria quando os mantídeos estavam em revolta, suas colmeias tendo crescido tanto que até os poderosos bovinos fugiam deles. Nossas próprias forças estão espalhadas, Haohan, e precisamos começar a estocar suprimentos para o conflito que se avizinha. Nós sabemos de sua colheita fraca esse ano e do seu dever de alimentar o povo do vale e cercanias. Mas nossa necessidade é premente. Por favor, mande o que puder com esses estimados guardiões. Eles se certificarão de que tudo o que sua generosidade nos ofertar chegará aqui em segurança.

Aquelas não eram as palavras de um comerciante.

Estimados guardiães. os viajantes não tinham vindo fazer negócio. O símbolo no final do pergaminho fez Dez respirar fundo. Era uma marca simples, um círculo com linhas curvas descendo pelos lados, a face rosnante de um tigre branco.

Os Shado-pan!

Súbito, houve uma comoção na ponte. Dez se virou para ver, enfiando o pergaminho na túnica. Jogu tinha emergido da água e estava gritando e apontando... apontando para Dez!

— Ladrão! Meus bons mestres foram roubados! Ladrão! Ladrão!

No começo, ninguém sabia direito a que o jinyu histórico se referia. Alguns olharam desconfiados para Dez e outros riram de Jogu, revirando os olhos ao ouvir a conversa de bêbado. Mas o grande pandaren com quem Dez trombara bateu no bolso e fez um gesto rápido aos companheiros. Seus mantos caíram, revelando armas — espadas, lanças, lâminas que brilhavam perigosamente ao Sol. Sim, eles realmente estavam escondendo algo. Dez quase acertara.

Hora de correr.

Praguejando baixinho, Dez se virou e disparou pelo mercado.

Um mercado cheio de fazendeiros, pescadores e vendedores de fruta, e quem eu decido roubar? O pelotão de assassinos armados.

Ele tentava se lembrar do pouco que sabia sobre os Shado-pan. Nunca prestara muita atenção em História. Eles eram uma força militar de elite, algo raramente visto naquele vale sereno. Dez sabia que os Shado-pan protegiam a muralha a oeste, que eles protegiam as terras de Pandária de criaturas malignas como os mantídeos. Ouvira histórias de outros ladrões e malfeitores que viviam com ele pelos becos. Histórias sobre os Shado-pan e sua habilidade de caminhar na lâmina de uma espada, de pegar uma flecha em pleno voo e de golpear tão forte um inimigo que seu coração explodia dentro do peito. Ele ouvira dizer que os Shado-pan não perdoavam os que os aborreciam, nem esqueciam quando eram afrontados.

Dez tocou o peito enquanto corria e sentiu seu coração — ainda intacto — martelando furioso. O pergaminho pulava com cada passada, as pontas de marfim batendo contra seu peito ossudo. Quase como se chamasse os perseguidores de Dez.

Ele podia ouvir os passos pesados ecoando atrás de si. Aqueles guerreiros eram rápidos. Houve um assobio, e Dez se agachou, evitando uma lança que se cravou com um baque na viga que apoiava uma das bancas do mercado à sua frente. O mercador gritou e atirou uma panela de sopa. O caldo quente espirrou na face de um hozen irritadiço que vendia suprimentos de culinária na banca seguinte. Pulando de raiva, o macaco atirou uma concha de mesa em Dez, que se esquivou do utensílio enquanto procurava uma rota de fuga.

Ele viu o próprio reflexo em outra panela pendurada na banca do vendedor de sopa. Dois dos Shado-pan estavam se aproximando rápido, um de cada lado... e não havia como continuar.

Assim, ele não continuou. Dez saltou, descendo com um pé sobre a haste da lança Shado-pan enfiada na viga à frente. Rezando para que o bambu fosse resistente o bastante para suportar seu peso, Dez se agachou enquanto a haste se curvava e depois catapultou-se para o alto, passando por cima da banca e deixando os dois Shado-pan piscando ao sol do fim de tarde.

Arma bem-feita. Pelo menos eu acertei uma coisa: esses viajantes são ricos.

Ele pousou e rolou na grama atrás do mercado. Gritos vinham de todos os lados; ele ainda não havia deixado os perseguidores para trás. Os dois Shado-pan deram a volta na banca, obviamente pouco impressionados com aquela demonstração acrobática. O jovem ladrão sabia que não tinha chance de se evadir daqueles pandarens, mais fortes e mais rápidos, em campo aberto. Teria que tentar despistá-los na cidade. Praguejando outra vez, ele saiu correndo pelos limites do mercado em direção à aldeia. No alto, um falcão gritou.

A aldeia ficava no topo da colina, e os Shado-pan estavam quase alcançando-o quando ele chegou à taberna Nabo Preguiçoso. A estalajadeira Lei Lan gritou quando Dez irrompeu à porta, derrubando a bandeja de bebidas que ela carregava. O jovem pandaren

lamentou ver a boa cerveja Malte do Trovão desperdiçada por sua pressa, mas não havia nada que ele pudesse fazer. O primeiro Shado-pan a surgir atrás dele escorregou na espuma e tropeçou na estalajadeira, que tinha acabado de se levantar. O segundo pulou sobre os dois e perseguiu Dez até a cozinha, rugindo alto. Pelo jeito, aquele ladrãozinho de quinta já causara mais problemas aos Shado-pan do que eles esperavam.

Dez correu para a cozinha, assustando tanto o mestre de temperos Jin Jao que ele atirou suas encomendas para o ar, praguejando. Continuou correndo, escorregando por entre as pernas de Jin Jao e subindo as escadas. Ele podia ouvir os passos do perseguidor Shado-pan passando pela cozinha, atrás dele, e ouviu os protestos furiosos do mestre de temperos por causa das mercadorias estragadas e por ter sido empurrado por "bandidos imundos". Dez chegou ao topo da escada e seguiu pelo corredor, tentando abrir as portas. Era ali que os funcionários da taberna viviam, e, claro, eles tinham trancado as portas. Dez praguejou, sabendo que não tinha tempo de arrombar as fechaduras.

A última porta estava destrancada e, pelo cheiro, Dez percebeu que era ali que Den Den vivia. Den Den era o balconista hozen da taberna. Não era um mau sujeito para um macaco, e com certeza era mais afável que seu primo atirador de conchas. Den Den uma vez aceitara uma romã — obviamente roubada da banca de Gi — em troca de um caneco de cerveja Malte do Trovão, e Dez sempre se lembrava do gesto generoso. Mas o quarto era um covil fétido que parecia mais um monturo que uma residência. Roupas de cama suja, pilhas de sementes, um barril cheio de cascas de frutas e... uma boneca que parecia uma hozen feita com cabelo empapado. Dez franziu o nariz e começou a escavar o lixo encostado à parede, procurando a janela. Finalmente, um raio de luz tocou seus dedos. Ele conseguira!

— Afaste-se da parede, ladrão!

A voz era zangada e firme. Dez quase podia *sentir* a lança sendo mirada em suas costas. Virando-se devagar com as patas ao alto, tentou forçar um sorriso. Dois Shado-pan estavam à porta, e o terceiro chegou, pingando cerveja.

— Olá, cavalheiros. Bem-vindos a Meia Colina. Eu estava aqui procurando um remédio para a minha mãezinha doente e...

— Quietos, pivete! — rugiu o guerreiro molhado, brandindo a espada. Ele estava furioso por ter se molhado de cerveja e por ter derrubado a adorável estalajadeira daquela maneira tão sem cerimônia. Dez decidiu ficar de boca fechada.

Outro Shado-pan, o que havia ajudado sem querer a fuga de Dez com sua lança no mercado, pôs a pata no ombro do companheiro furioso. Ele usava um cachecol vermelho, e os outros dois abriram espaço para deixá-lo passar. Embora ele tivesse recuperado a lança no mercado, Dez via que aquele guerreiro não precisava de uma arma para matar. Isso era óbvio por seus movimentos, pelas cicatrizes em suas patas e a intensidade dos seus olhos cor de mel.

— Você corre grande perigo, ladrãozinho. Meu colega aqui acha que você é um espião enviado para interceptar nossa carta e entregá-la aos mantídeos. Eu prefiro achar que você é simplesmente um tolo e que seu pequeno ato criminoso colocou sua vida em perigo de uma forma que você nem imaginava.

O Shado-pan se adiantou e estendeu a pata.

— Rápido, meu mestre está esperando lá embaixo. Me dê o pergaminho. Não faça movimentos bruscos, ou o Tao-Long vai empalar você do nariz à cauda. Faça como eu digo, e eu garanto uma viagem rápida ao Conselho dos Lavradores e uma sentença provável de trabalhos forçados no celeiro.

Dez suspirou profundamente. Ele levou a mão à túnica e retirou o pergaminho. Começou a estendê-lo lentamente na direção do Shado-pan, então parou.

— E... tem alguma outra opção?

O guerreiro do cachecol vermelho franziu o cenho, e sua atitude esfriou.

— Claro, você pode recusar nossa misericórdia e confirmar as suspeitas de Tao-Long. E então nós iremos *tomar* o pergaminho de você, e sua vida também. Mas não pense que isso significa que vamos apenas matá-lo, ladrão. Quando os Shado-pan tomam uma vida, isso significa que essa vida passa a ser nossa. Nós amarraremos você, arrancaremos seus olhos, seus pés, e deixaremos apenas dois dedos para você se alimentar. Então você

será jogado em cima de uma montaria e será carregado até o nosso monastério, bem no alto do Monte Kun-Lai. Quando chegar lá, você será colocado em uma beirada coberta de gelo para esperar os nossos Investigadores.

Nesse ponto, o Shado-pan encharcado de cerveja — Tao-Long — sorriu e brandiu levemente a espada. Era evidente qual a opção que ele preferia.

— Os Investigadores Shado-pan mostrarão a você que a remoção dos seus olhos foi só a primeira e a mais gentil de nossas dádivas. Eles descobrirão como você foi corrompido pelo sha, o que você sabe dos planos deles, e decretarão se você deve ou não ser arremessado do cânion para ser julgado pelos ventos cortantes.

Os olhos de Dez se arregalaram, e ele ergueu o pergaminho diante do rosto como se quisesse esconder o medo.

— Eu... eu também não gosto dessa opção.

Cachecol Vermelho deu um sorriso áspero e estendeu a pata outra vez. Dez aproximou o pergaminho enrolado da boca e sorriu de volta.

— Acho que prefiro uma terceira opção.

E então ele soprou o pergaminho. O pó de queima-tripa que roubara de Jin Lao espalhou-se em uma nuvem vermelha que cobriu as faces dos pandarens aglomerados à porta, e o quartinho se encheu com gritos de surpresa e dor. Houve um baque, um barulho alto e então a luz do Sol invadiu o aposento. Dez sumira.

Os Shado-pan não eram dados a entrar em pânico e, após alguns segundos praguejando e cambaleando em meio à nevoa ardida, reorganizaram-se rapidamente no corredor. Cachecol Vermelho recebera a maior parte do pó no rosto, e seus olhos estavam inchados e fechados sob pálpebras avermelhadas e ardidas. Ele pediu a Tao-Long que o levasse até a janela, para lhe descrever o que via.

Tao-Long, embaraçado pela raiva que sentira, levou o companheiro até a janela. Piscando os olhos rasos d'água à luz da tarde, ele descreveu as varas de bambu quebradas

que iam desde a janela até lá embaixo. Mais adiante, os galhos partidos de uma árvore taolun e uma trilha aberta às pressas entre os arbustos. Depois... o rio preguiçoso serpeando por entre a aldeia e indo em direção aos baixios. Muitos lugares onde desaparecer. O ladrão sumira.

— Por enquanto — grunhiu Cachecol Vermelho, limpando o nariz, que escorria. — Só até o encontrarmos. E então esse ladrão arrogante vai conhecer os limites da misericórdia Shado-pan.

Ele se afastou e falou aos companheiros:

— Nosso alvo fugiu para as terras moles mais adiante dessa colina patética. Há um agente do sha que fugiu de nossas garras, irmãos. Quem somos nós?

— Nós somos a espada nas sombras.

— E iremos descansar?

— Não falharemos!

O mantra foi sussurrado com paixão fria e certeza inegável. E então, sem outra palavra, os Shado-pan desceram as escadas, saíram da estalagem e sumiram na multidão que se espalhava pelo mercado.

No telhado da estalagem, Dez observou sua partida. Ele se recostou contra o telhado de palha e estremeceu. Eles tinham sido enganados pelo barril que empurrara pela janela, e não pensaram em verificar a laje acima deles. E por que o fariam? Que idiota se prenderia num telhado sem ter para onde fugir quando havia rotas de fuga em todas as direções?

Um idiota pequeno demais para ir muito longe.

Sim, ele tinha escapado, mas agora estava sendo caçado por guerreiros empedernidos que jamais descansariam. A convicção em suas vozes era assustadora. A *intensidade*. Dez jamais ouvira tanta confiança. Por trás do medo que sentia, havia algo mais.

Admiração?

Outro falcão gritou no céu. Dez balançou a cabeça e respondeu com um suspiro.

— Considere-se sortudo, amigo. Ser um caçador como esses, *escolher* seu próprio caminho e saber que você o seguirá até o fim...

Ele interrompeu a frase no meio, repleto de desejo frustrado. Aquele tipo de vida jamais estaria ao alcance de um ladrão feito ele.

— O nome dela é Pena Branca — disse uma voz rouca, estranhamente familiar. — É melhor ser caçador que ser a caça, ladrãozinho. Mas o caçador que sabe se fingir de caça caça melhor e em abundância.

Dez se virou, quase escorregando do telhado. O mercador caolho — não, o *Shado-pan* caolho — estava sentado no telhado, acima dele, com uma grande lança entre os joelhos. O falcão gritou outra vez e então adejou e pousou no ombro largo do pandaren. Dez tentou falar, mas não encontrava fôlego. A lança... era grande o suficiente para parti-lo em dois. Manejada por um guerreiro experiente que podia pousar no teto de uma estalagem com a rapidez e a furtividade da brisa noturna. Cachecol Vermelho não tinha mencionado... um *mestre*?

Eu vou morrer.

O mestre Shado-pan franziu o cenho.

— Você tem uma coisa que me pertence. Eu gostaria de pegá-la de volta.

De boca aberta, Dez remexeu na túnica e retirou o pergaminho. Ele o sacudiu, tentando limpar quaisquer resquícios de queima-tripa. Um punhado de pó vermelho foi soprado pela brisa e bateu em cheio no rosto de Dez. Ele soltou um gritinho patético e começou a tossir, com os olhos cheios d'água.

O estranho inclinou-se para pegar o pergaminho, metendo-o entre as dobras de suas vestes pesadas.

— Qual é seu nome, ladrãozinho?

Dez piscou até seus olhos se limparem, e então tossiu de novo.

— Meu nome é Dez, senhor.

— Dez... o número dez?

— Sim, senhor. Meu pai ficou sem ideias para nomes legais depois do quinto filho.

— Muito bem, Dez. A punição por roubar um mensageiro Shado-pan já foi descrita em detalhes por meu tenente. Ele lhe ofereceu uma alternativa misericordiosa, que você literalmente atirou na cara dele.

Dez não tinha certeza se estava enxergando direito, mas pensou ter visto a sombra de um sorriso no canto da boca do mestre Shado-pan.

— Eu não sou tão caridoso quanto Feng, mas talvez isso seja porque eu já estou na muralha há muitos anos. Lutar contra o sha... apenas ficar perto dele... acaba tornando as pessoas insensíveis a aspectos mais gentis da vida. Mesmo se tais aspectos forem os que você está tentando proteger.

Dez não sabia direito do que aquele grande guerreiro com uma lança estava falando — ou o que seria um "sha" —, mas achou melhor ficar quieto e concordar. Ele sentia que sua vida dependia disso.

O mestre Shado-pan cravou o olho em Dez e pareceu cogitar profundamente. Dez tremeu diante do olhar fixo do pandaren. Ele olhou para a lança. A arma era pesada e tinha uma lâmina larga, mas o Shado-pan a segurava sem esforço. Dez tremeu quando a pata do guerreiro apertou o cabo. Fechou os olhos, ainda com a cabeça abaixada.

— Eu lhe dou uma terceira opção, Dez do Pergaminho Apimentado. E uma quarta.

Dez ergueu o rosto, sem saber direito o que estava acontecendo. O Shado-pan se levantou e tocou o peito de Dez com o indicador.

— Eu posso matá-lo agora mesmo como alternativa piedosa à punição descrita pelo leal Feng. Seria rápido e indolor; minha lâmina cortaria seu pescoço antes que você pudesse piscar.

E, rápido como um pensamento, uma ponta brilhante de metal prateado tocou a garganta de Dez. Segundos depois, um sopro de vento seguiu no rastro da lança. Dez estremeceu, e o pequeno movimento contra a ponta da lâmina tirou um fiapo de sangue do seu queixo. O sangue deslizou lentamente pelo cabo da arma, perfeitamente imóvel contra sua garganta. O Shado-pan continuou:

— A outra opção, mais cruel, seria você se submeter à Prova das Flores Vermelhas.

Dez ergueu as sobrancelhas, hesitante, e o Shado-pan abaixou a lança, suspirando.

— Não se deixe enganar pelo nome. A cada sete estações, as árvores sagradas do nosso monastério dão uma florada vermelha. É o sinal para começarmos as provas. Um severo ritual de dor e disciplina que qualifica aqueles que querem entrar para a nossa ordem. O teste mata a maior parte dos que se submetem a ele. E certamente é uma tortura para *todos* os que desejam ser Shado-pan.

O guerreiro retirou a lança, escondendo-a sob o manto com um movimento rápido.

— Mas — disse, olhando para o vale — se você passar nas provas e se tornar um acólito dos Shado-pan, então a punição por roubar nossa correspondência será esquecida.

Dez não podia acreditar no que ouvia. *Eu, um Shado-pan?* Ele era um nada. Um ladrão. Um pivete. O décimo filho de um fazendeiro morto. Lutou para encontrar as palavras.

— Mas como você pode pensar que *eu* posso me igualar a... a Feng? A... a você?

O guerreiro o encarou serenamente.

— Você é rápido, Dez. Rápido com os pés, com as patas e com a cabeça. Um Shado-pan precisa de força, é fato, mas força pode ser incutida. Nosso inimigo é veloz, e, embora precisemos de guerreiros que sejam páreo para o sha em ferocidade, também precisamos

de guerreiros que possam se esquivar de ataques, soprar pimenta na cara dos inimigos e fazê-los fugir na direção errada.

Dez assentiu, sem palavras. Algo parecido com esperança adejou no peito magro do ladrão.

Será que eu poderia...?

O grande pandaren retirou um anel do cinto. O objeto tinha um desenho simples, habilmente entalhado em um marfim que lembrou Dez o das pontas do pergaminho. O símbolo da ordem, o tigre rosnando, estava gravado em prata, brilhando como gelo do norte.

— Vejo que você tomou sua decisão. Pegue este anel. Daqui a três meses você deve se apresentar nos portões frontais do Monastério Shado-pan. O anel foi esculpido de uma presa de tigre branco. Ele lhe permitirá passar em segurança por nossos portões; mas sua perícia e argúcia é que farão com que você chegue lá vivo. O Monte Kun-Lai é perigoso, especialmente na estação fria.

"Vá sozinho. Não leve armas nem armadura; elas não ajudarão você. — Ele tocou o tecido fino da túnica imunda de Dez e franziu o cenho. — Mas eu sugiro que você arranje roupas mais quentes."

Dez assentiu, apalermado, e o Shado-pan soltou a túnica. Sua voz tornou-se ríspida.

— Se as provas começarem e você não tiver aparecido, vou presumir que recusou minha última opção. E os Shado-pan irão acabar com sua vida. E eu garanto, Feng foi brando em sua descrição de nossos métodos. Você entendeu tudo o que eu disse, Dez?

Dez não sabia direito se tinha entendido, e achava que não podia mais usar a cabeça para assentir. Seus músculos do pescoço estavam anestesiados e rígidos. O guerreiro interpretou seu silêncio como aquiescência.

— Eu sou Nurong, mestre dos Wu Kao. Eu o verei daqui a três meses, ladrãozinho.

O Mestre Nurong sussurrou para Pena Branca, e o pássaro alçou voo no ar da noite. Dez voltou-se para ver o falcão sobrevoar os pântanos a nordeste, no rastro dos outros guerreiros. O ladrão finalmente encontrou o que dizer.

— Três meses. Como é que eu vou chegar à montanha mais alta do mundo em três meses, isso sem falar em chegar ao topo dela?

Não houve resposta. Dez olhou para trás e se viu sozinho no telhado. O Shado-pan sumira.

Outro gongo ressoou pelo pátio. Dez tentou ficar ereto nas tábuas ondulantes da ponte, tentando parecer imponente perto do resto dos candidatos. Não estava dando certo.

Ele era o menor dos doze jovens candidatos reunidos sob as flores vermelhas, que vibravam rubras contra o fulgor da neve. Mesmo o rapazinho feioso — Wu Tortinho, da Vila Binan, que parecia ser três anos mais novo que ele — era um palmo e meio mais alto que ele, e ainda usava um peitoral de placa *como um guerreiro de verdade*. Dez olhou para Wu, que o encarou com arrogância. Nenhum dos candidatos estava contente por competir com um pivete sujo feito Dez, como se sua mera presença nas provas fosse uma afronta.

Dez olhou para os pés e fez uma careta. *Só chegar ali* tinha sido uma prova, e duvidava que algum daqueles filhotes ricos e enormes teria sobrevivido à jornada que ele fizera. Subir o Caminho dos Cem Passos, evitar sauroks famintos na Passagem Antiga e, finalmente, escalar a trilha íngreme e traiçoeira que dava no cume do Monte Kun-Lai, temendo que a próxima rajada de vento fosse empurrá-lo da estrada estreita e arremessá-lo contra as pedras lá embaixo... Isso tendo muita sorte de não congelar antes.

Seu manto fluuava ao vento, e Dez apertou-o ao redor dos ombros. No Vale dos Quatro Ventos, um dia frio não passava de um pouco de chuva e uma brisa fria o suficiente

para que as pessoas evitassem o campo aberto. Ali, o frio era letal. Seguindo o conselho do Mestre Nurong, Dez trocara seu cobertor esgarçado e algumas moedas que arranjara por um manto de viagem. O tosco pedaço de tecido remendado salvara sua vida, dando abrigo, calor e até camuflagem nos recessos ensombrados das montanhas quando yetis enormes passavam perto. Seu chapéu de abas largas, fedendo a fruta podre, fora um presente de Den Den como agradecimento por Dez não ter mencionado o estado do seu quarto (ou a boneca de pelos) para ninguém antes de o jovem pandarem ser expulso de Meia Colina. O chapéu o protegia da chuva e da neve, e servia de prato quando ele encontrava algo para comer. E — assim disse Chan Pesado — fazia Dez parecer um cogumelo esturricado.

Chan Pesado era o candidato da cidade mercantil de Barriluno. Era filho de um alquimista abastado, fútil feito um pavão, grande como dez Dezes. Ele chegara com um séquito de serventes grômulos, dos quais nenhum pudera entrar no monastério. Dez lembrava ter passado pelo pequeno acampamento de tendas de seda ao chegar ao cume da montanha. O cheiro de carne assando fizera sua boca se encher de água.

Se eu tivesse um pouco mais de energia e um pouco menos de hipotermia, teria aliviado o acampamento daquele excesso de comida. Chan com certeza não precisa daquilo tudo.

Os candidatos ficaram em silêncio, e Dez ergueu o rosto e viu que os mestres tinham aparecido. Eles estavam diante da ponte, onde o recanto de meditação tocava a margem do lago congelado. Parados como estátuas, os três mestres encaravam os doze candidatos. O sol da manhã brilhava, delineando a névoa que pairava pelo monastério, e ele não sabia se o Mestre Nurong estava entre os três Shado-pan. Dez queria se certificar de que sua presença seria notada e sua vida, poupada. Chegara no último dia, arquejando ao passar correndo pelo silencioso vigia Shado-pan, que acenou e o deixou ir quando Dez lhe mostrou o anel.

Um falcão gritou, e Dez olhou para o céu, apertando os olhos.

— Vamos logo com isso — sussurrou Wu Tortinho. — As flores não vão ficar mais vermelhas do que já estão. — Dez percebeu que os resmungos de Wu eram sinal de

nervosismo. Todos os candidatos mostravam sinais de inquietação: mexiam os pés, torciam as patas, mordiam os lábios. Mesmo Chan Pesado remexia sem notar o bracelete de ouro que trazia no braço, um item brega e grande o suficiente pra servir de colar a um pandaren de tamanho normal.

Joia bacana essa, hein.

Um dos mestres se adiantou, e Dez fez uma careta. Não era o Mestre Nurong, mas uma pandarena de cara fechada, com cabelos grisalhos presos atrás das orelhas. A mestra Shado-pan ergueu uma pata e falou; sua voz firme atravessou as águas gélidas e chegou aos candidatos.

— Aspirantes, eu lhes dou as boas-vindas à Prova das Flores Vermelhas. Vocês vieram de longe, e cada um foi selecionado por nossos agentes como um candidato digno. Assim tem sido por incontáveis anos. Assim será sempre.

— Eu sou a Mestra Yalia Sábio Sussurro da disciplina Omnia, e sou a responsável por manter a sabedoria, o conhecimento e as tradições sagradas de nossa ordem. É com prazer que os recebo aqui e louvo sua coragem de aparecer no dia marcado. A Prova das Flores Vermelhas consiste em três testes: o Teste da Determinação, o Teste da Força e o Teste do Espírito. Cada um deles é fatal para os que não forem dignos de se postar sob o pavilhão dos Shado-pan.

Essas últimas palavras foram acompanhadas por uma forte brisa, que se tornou uma rajada; um vento frio que ecoou pelos picos próximos como o rugido de uma fera predadora. Pétalas vermelhas rodopiaram pelo ar como gotas de sangue, e a ponte balançou. Dez apertou mais forte a corrente que servia de corrimão. Wu Tortinho notou seu pânico e sorriu. A Mestra Sábio Sussurro continuou:

— É sua última chance de ir embora. Se algum de vocês questiona sua participação na prova, tem algum resquício de incerteza... eu o convido a sair da Ponte da Iniciação e voltar ao seu lar. Não há desonra nessa decisão, mas ele jamais poderá passar por nossas muralhas novamente.

Houve um instante de silêncio, então alguém pigarreou. Murmuraram-se pedidos de licença, e um — não, dois — dois pandarens se afastaram da ponte. Eram o lenhador alto das Ilhas do Sul e uma garota de ar estudioso do Arado de Pedra. Ambos se afastaram de cabeça baixa. Dez queria poder fazer o mesmo.

Não. Não, eu não quero fazer isso.

Ele se surpreendeu com o pensamento súbito. Será que ele estava contente por estar ali no frio, balançando sobre um lago semicongelado?

Bem... não "contente". Mas... pelo menos parece ser uma chance de fazer alguma coisa. De ser alguma coisa. Não é possível mudar as estações, mas eu não vou me esconder de um vento favorável.

A brisa fria soprou contra seu manto, e Dez tremeu.

Bom, foi modo de falar.

A Mestra Sábio Sussurro esperou até que os dois pandarens fossem escoltados para fora do pátio, então continuou.

— Agora começa a Prova das Flores Vermelhas. Há Shado-pan entre vocês, aspirantes. É o que esperamos. Nossos números diminuíram nos últimos séculos, e nossos inimigos ficaram mais ousados. Presságios sinistros nos chegam do Templo do Tigre Branco, e os sábios falam do perigo que logo chegará à nossa costa.

— Apesar disso, não somos um exército despreparado, reunido às pressas do povo comum. Nós somos os Shado-pan. Nossos números agora são menores que os de nossos inimigos, mas cada lâmina Shado-pan é páreo para dezenas de soldados comuns. Assim nós rechaçamos os mantídeos. Assim nós expulsamos os yaungóis. Assim mantemos o sha longe. E assim será sempre.

A Mestra Sábio Sussurro apontou para o lago, na direção do outro lado do monastério. Um pequeno braseiro em formato de tigre estava sendo posicionado por um par de acólitos Shado-pan de cachecóis brancos.

— O tigre de fogo testará sua determinação. Em seu ventre, sob os carvões, estão seis moedas de pratas marcadas com o símbolo da nossa ordem. Vocês deverão enfiar a pata na boca do tigre, retirar uma moeda e devolvê-la a mim.

Os dez candidatos restantes olharam nervosos uns para os outros. A garota magricela de Krasarang começou a se afastar do grupo, tentando sair na frente. Em segundos, ela estava presa em um emaranhado de braços enquanto os outros se digladiavam para chegar à margem antes. A ponte sacudiu loucamente, e Dez apertou mais ainda a corrente.

Uma corrida para mostrar determinação? Ela está escondendo alguma coisa.

A Mestra Sábio Sussurro deu meia-volta, e os outros dois mestres já se encaminhavam ao recanto. Olhando para trás, disse:

— Só há seis moedas, e vocês são dez. Eu sugiro que vocês nadem rápido.

Nadem?

Com um clangor, a corrente que segurava metade da ponte se soltou e os candidatos caíram no lago, fazendo buracos no gelo. Eles emergiram tossindo, gritando, e alguém berrou que não sabia nadar. Houve segundos de caos aterrorizante enquanto alguns candidatos se agarravam a outros, que reagiam violentamente com golpes e pragas, tentando evitar ser arrastados para o fundo gélido das águas. Os que estavam usando armaduras vistosas não reapareceram na superfície. Os mais rápidos se livraram das armaduras pesadas e avançaram pelo lago com braçadas rápidas. Sabiam que passar muito tempo no lago seria fatal.

Dez balançava agarrado à corrente, acima deles. Seu nervosismo impedira que ele caísse na água como os colegas. Agora ele estava ficando para trás. Ergueu-se e montou sobre a corrente, perguntando-se se poderia arrastar-se sobre ela até chegar ao outro lado e então simplesmente correr margeando o lago até o braseiro.

Acho que não vão me deixar escapar tão fácil.

Seus temores logo se confirmaram: outro acólito de cachecol branco foi até o final da ponte e começou a desconectar a corrente. Parece que um mergulho no lago era pré-requisito para se tornar um Shado-pan, mas ele sabia que, se a água não o matasse, o vento soprando contra seu fino manto o faria, mesmo que passasse no teste imbecil. Não tinha nem o tamanho nem os recursos que os outros candidatos tinham. Ele tinha que ficar seco.

Aos poucos, foi avançando até o meio da corrente, e então começou a descer até as tábuas dependuradas mais abaixo. A ponte fora construída de forma a poder despencar de um lado e então ser facilmente reconectada após a prova. *Inteligente*, pensou Dez. *Poupa a eles o trabalho de construir outra ponte a cada sete estações.*

Por sorte (ou azar), aquela sétima estação tinha caído no meio do inverno. O que significava que o gelo que se espalhava por boa parte do lago era espesso. *Talvez grosso o suficiente para aguentar o peso de um pivete.* O acólito tinha quase terminado de soltar a corrente, e Dez sentiu a tensão afrouxar. Notou um pedaço de gelo um pouco além de onde estava pendurado, e começou a chutar para diante, balançando toda a ponte para frente e para trás de forma a poder se arremessar e...

A segunda corrente se soltou, e Dez a largou no ponto mais alto de sua trajetória. Ele girou no ar de braços abertos e aterrissou no gelo com uma pancada sólida — e seca. Por alguns instantes, ficou parado, de orelhas em pé para ouvir o menor som de gelo rachando. Nada.

Olhou em volta e viu outro pedaço de gelo próximo. Pulou o vão, aterrissou e quase escorregou. O impulso empurrou o gelo um pouco mais para perto do objetivo, mas ele teve que mexer os braços loucamente para manter o equilíbrio. Havia gelo espalhado por todo o lago, mas seguir tão devagar — e tão desequilibrado — o faria perder, levar um caldo e acabar numa cova rasa na montanha. Ele sabia o que tinha que fazer.

Dez pulou no pedaço de gelo seguinte e, sem parar para recuperar o equilíbrio, curvou-se, aproveitando o impulso, e se arremessou para diante, caindo sobre outro bloco de gelo. E mais outro. Quicando pelo lago como uma pedra arremessada, Dez logo ultrapassou os nadadores e se aproximou da margem oposta.

Seis correntes saíam da água: seis metros de metal enregelado que se erguia até a protuberância rochosa onde o braseiro estava empoleirado. Seria uma subida difícil para qualquer um, e mais ainda para um pandaren ensoado com patas dormentes. Era realmente um teste de determinação.

Infelizmente, os pedaços de gelo estavam ficando menores e mais afastados. Os pés de Dez estavam úmidos, e ele já não conseguia sentir os dedos. Para piorar as coisas, não havia gelo perto das correntes. Com mais dois saltos, ele cairia no lago, e não havia como dar a volta.

Não, não dar a volta. Que nem no mercado: ir por cima.

Erguendo as mãos, ele desfez as amarras do seu grande chapéu. E, ao pular do último bloco de gelo, tirou-o da cabeça e o atirou na superfície do lago. O chapéu pousou na água e, no instante seguinte, Dez pisou sobre ele. Carregado pelo impulso, deslizou pela água com um pé equilibrado no chapéu, que era largo o suficiente para sustentá-lo por alguns poucos segundos antes de afundar. Ele pulou outra vez e se agarrou à corrente que saía da água mais à frente.

Uma das vantagens de ser um cogumelo esturricado.

Dez subiu rápido pela corrente. O pequeno pandaren ainda tinha impulso de sobra da carreira sobre o lago e não era pesado. Assim, ele subiu pela borda da plataforma e correu em direção ao seu objetivo fumegante.

O braseiro fora construído com engenho: um tigre rosnante feito de barras de ferro inclinadas que se tornavam listras negras contra o brilho alaranjado dos carvões. Rilhando os dentes, Dez meteu a pata na boca do tigre, retirando de lá uma moeda incandescente, que chiou ao contato com sua pata. Sendo um ladrão, era mestre na arte de agarrar moedas rapidamente, e a manobra não lhe custou mais que uma bolha na palma, pelos chamuscados e dedos escaldados. Foi passando a moeda de uma pata a outra até chegar a uma pilha de neve próxima. Com um suspiro, enfiou a pata na brancura quebradiça.

Éa primeira vez que eu fico grato por estar nevando!

Ele se virou ao ouvir a corrente ranger atrás de si. O próximo candidato chegara. A garota de Krasarang subiu com esforço e caiu aos pés do braseiro, tremendo violentamente. Ela olhou para Dez com uma expressão confusa e abraçou os joelhos, parecendo uma bola de pelo trêmula.

— Fri-fri-fri-frio-o-o! — gemeu ela, num tom baixo e rouco.

Dez olhou na direção de onde ela viera. Mais três correntes sacudiram-se com a chegada de outros candidatos. Era hora de ir. A rota mais direta seria nadar de volta, mas Dez não gostou nada da ideia. Seu chapéu se fora; seus dedos dos pés estavam congelados; e ele já havia provocado os espíritos do gelo o bastante por um dia. E, assim, deu a volta no lago.

Dez chegou ao recanto sem maiores incidentes e encontrou a Mestra Sábio Sussurro sentada serenamente sob a pérgula no centro. Se ela ficou surpresa ao ver o pequeno candidato aparecer primeiro — e seco —, não demonstrou. Simplesmente estendeu a pata e acenou; Dez entregou a moeda. Sem dizer palavra, ela fez um gesto para que o candidato esperasse em um canto do pavilhão.

O próximo a chegar não foi a garota de Krasarang, mas um rapaz forte, de cabelos longos, que Dez não tinha notado até então. Ele ainda estava pingando, e o braço direito fumegava por causa da boca do tigre. Dez pôde ver que o rapaz demorara a encontrar a moeda entre os carvões: trechos de pelo tinham sido completamente chamuscados ao redor do seu pulso, e havia queimaduras que pareciam bem dolorosas em suas patas.

Mas ele havia conseguido, e logo se juntou a Dez, sem dizer uma palavra, sob o pavilhão. O ladrãozinho julgou que o rosto do seu adversário certamente mostrava determinação. Era assim que um guerreiro lidava com a dor, e Dez sentiu admiração pelo rapaz.

Ele passou no teste. Eu só dei um jeitinho.

A sensação de vitória de Dez agora parecia vazia. Ele ainda era apenas um ladrão.

Depois chegou a garota de Krasarang, batendo os dentes de frio. Dez nem conseguia imaginar o quão estranha e dolorida devia ser a água gelada para alguém acostumado ao calor das selvas do sul. Pelo menos o braço dela estava em melhor estado que o do outro rapaz. Dez imaginou que a sobrevivência na selva devia requerer patas rápidas.

Houve então um rugido, um espirro explosivo, e Chan Pesado chegou ao recanto. O pandaren grandalhão estava mais que encharcado. Tinha conseguido se livrar do luxuoso manto no lago, mas o resto de suas roupas esguichava e espirrava água. Ao se aproximar da Mestra Sábio Sussurro, o nariz, o queixo e a barriga pingavam, e poças formavam-se ao redor dos seus pés grandes. Estava tão ensopado que Dez se perguntou se ele não teria nadado *de volta* em vez de rodear o lago como os outros. Mais uma vez, a Mestra Sábio Sussurro ergueu a pata.

Chan Pesado também ergueu a pata, e foi então que Dez notou algo que não conseguira ver de onde estava: a pata de Chan estava presa em metal. Tiras de metal no formato de um tigre.

O grande pandaren tremeu e então se curvou diante da Shado-pan.

— Eu não consegui retirar minha pata do tigre segurando a moeda, Mestra. A boca do tigre era muito pequena e quente demais... — Chan Pesado ergueu o rosto e encarou a Mestra Sábio Sussurro com olhos firmes. — Então eu peguei o braseiro e pulei no lago.

Ele espirrou novamente, um som poderoso que sacudiu o recanto. Mais flores vermelhas flutuaram até o chão, e Dez notou que os outros aspirantes estavam olhando para Chan com os olhos arregalados.

Ele nadou mesmo, ida e volta. E carregando um tigre de ferro metade do caminho.

Chan Pesado ergueu o braço e esmagou o braseiro em uma das pedras do calçamento. Já enfraquecido pela água fria, o braseiro se espatifou. Chan depôs três moedas na pata da Mestra Sábio Sussurro.

— Não há mais ninguém depois de mim.

Dez se perguntou quantos teriam se afogado, ou congelado, ou simplesmente desistido quando Chan pegou o braseiro.

A Mestra Sábio Sussurro se levantou e fez sinal para os candidatos a seguirem. Todos deram espaço para Chan Pesado passar, e ele seguiu espirrando água, torcendo as roupas para secá-las mais rápido. Espirrou outra vez, e então viu Dez atrás dele, pulando para evitar as poças.

— Bom trabalho, pivete. Vamos ver se ficar em cima do chapéu vai ajudar você a passar no Teste da Força.

O rapaz de cabelos longos riu, e Dez deu de ombros. Ele passou por Chan Pesado e lhe deu um soquinho amigável no braço.

— Que pena que não tem um teste para ensopamento. Metade do lago está aí nessas suas calças enormes.

Chan Pesado grunhiu e tentou socar o pequeno pandaren, que já esperava a reação e se esquivou facilmente. A garota de Krasarang começou a rir, e Dez fingiu sacudir delicadamente água da mão. O pandaren grande franziu o cenho e espirrou novamente. Mesmo as camadas de gordura isolante não eram o suficiente para mantê-lo aquecido.

Conduzidos pela Mestra Sábio Sussurro, os quatro candidatos passaram por duas grandes portas e entraram em um dojo. Era uma simples arena rodeada de pilares de pedra. Dez podia sentir a *história* do lugar, séculos de treinamento e disciplina que pareciam fazer parte da própria atmosfera. A mestra Shado-pan despediu-se e retornou em silêncio para o recanto, e os candidatos ficaram sozinhos, olhando para os lados nervosamente e se perguntando qual seria o próximo teste.

Dez notou algo curioso. No centro da arena, havia três sinos enormes. Altos como um pandaren adulto e largos feito a cintura de Chan Pesado, os sinos antigos estavam marcados com palavras de poder. Dez se aproximou, esperando que o teste não envolvesse *carregar* um troço daqueles.

Uma voz grave falou atrás dos candidatos.

— Vocês mostraram uma determinação digna dos Shado-pan. Agora quero que me mostrem sua força verdadeira.

Dez se voltou e perdeu o fôlego por um instante. À entrada do dojo, estava o maior guerreiro pandaren que ele já vira. Três palmos mais alto que Chan Pesado e com ombros mais largos, o Shado-pan era uma massa de músculos. Seu pelo era totalmente branco, e seus olhos examinavam os candidatos com velocidade predatória, identificando forças e fraquezas.

Dez tremeu, sentindo-se na presença de uma avalanche de poder marcial letal.

— Eu sou o Mestre Wan Monte de Neve da disciplina Guarda Negra. Os guerreiros Shado-pan respondem a mim, assim como eu respondo ao Lorde Taran Zhu. Eu conheço todos os guerreiros que moram aqui, e testei minha lâmina contra cada um deles. Se sobreviverem às provas e se tornarem Shado-pan, vocês algum dia baterão espadas comigo, pois não se conhece verdadeiramente uma pessoa até se ter combatido com ela.

Nesse ponto, o Mestre Monte de Neve cerrou um punho potente, e o estalar dos nós dos dedos ecoou pelo dojo como pedras rolando. Dez fez uma careta.

— Mas esse dia não é hoje. Vocês são jovens e despreparados. Um aspirante ainda não é uma arma, e sim uma barra de ferro crua esperando pela forja. É aqui que o ferro mostra sua força antes de ganhar um fio.

Ele caminhou até os três sinos, e o porte sereno do mestre fez Dez pensar em um tigre à espreita.

— Vocês estão diante de artefatos sagrados, relíquias de séculos passados, criados com magia e metalurgia para resistir aos ataques do tempo. Cada um foi fabricado de forma a ressoar uma nota perfeita ao ser tocado.

Ele bateu de leve no sino mais próximo, que produziu um som abafado.

— Impressionante, não? — O Mestre Monte de Neve sorriu. — O sino não irá repicar até ser erguido no ar e percutido com alguma ferocidade. É parte da magia.

Dez fez uma careta. Levantamento de sino gigante definitivamente não fazia parte do seu repertório... e... teria ele ouvido um som abafado dentro do sino? Um sibilar?

O Mestre Monte de Neve continuou: — Embaixo de cada sino há um tipo diferente de morte, aspirantes. A morte que rouba, a morte que esconde e a morte que salva. Eu esperarei no recanto até que os três sinos tenham repicado, e então eu retornarei. Quem for forte o suficiente para sobreviver passará para o próximo teste.

Chan Pesado espirrou, e o mestre Shado-pan fez um gesto para o candidato ensopado.

— Esta sétima estação está sendo especialmente fria, e eu sei que vocês estão cansados. Vamos começar.

Com um movimento suave, o Mestre Monte de Neve girou e chutou o sino atrás de si, que voou e bateu contra um pilar do outro lado da arena. O pilar rachou, e fragmentos de pedra caíram no chão. O sino rolou pelo assoalho, incólume.

O Mestre Monte de Neve caminhou na direção da porta. Os candidatos o observaram sair, em admiração atônita.

— Eu não espero que lutem bem — disse ele. — Mas espero que lutem.

As portas se fecharam e o trinco travou.

— Ali! — gritou o rapaz de cabelos longos, com horror na voz.

Dez se voltou e arquejou. Onde o sino estivera, enrodilhava-se uma enorme cobra. Que se ergueu sobre músculos potentes, alçando-se sobre os candidatos.

— Uma píton bambu! — gritou a garota. — Para trás! Ela vai atac...

Como um raio verde, a cobra atacou. Derrubando o rapaz de cabelos longos, a serpente enfiou as presas em seu ombro. O rapaz gritou e tentou bater na cabeça escamosa do réptil, mas ele se agarrava tenazmente, enrodilhando-se e apertando-o com força. Os

três outros candidatos se afastaram do alcance da criatura, procurando onde se esconder. Como quatro jovens desarmados e sem treino poderiam derrotar uma fera tão letal?

A garota de Krasarang estava praguejando, e Dez ouviu os sussurros zangados ao seu lado.

— Eu sei matar esse bicho. Se pelo menos eu tivesse minha lança. Por que não me deixaram trazer minha lança? Eu podia salvá-lo!

A morte que salva.

— Chan Pesado! — gritou Dez. — Eu acho que talvez tenha armas escondidas em um dos sinos! Rápido, olhe embaixo deles!

O grande pandaren olhou para Dez como se ele estivesse louco.

— Bela tentativa, pivete. Você acha que eu vou chegar perto?

Ele apontou para os dois sinos remanescentes, logo atrás da serpente enrolada em sua presa. Bem ao alcance do ataque dela.

— Além do mais — gritou Chan Pesado —, como é que você sabe que tem armas ali?! Podem ser mais cobras!

O rapaz de cabelos longos parara de se debater e a serpente o sacudiu uma última vez antes de se desenrolar e se erguer novamente. Era recoberta de escamas cor de esmeralda e tinha olhos negros e frios. Longas presas pingavam sangue e saliva hedionda, que empoçavam no chão de pedra. Dez olhou para o rapaz morto no chão e viu duas marcas vermelhas rasgadas em seu ombro. Ele se surpreendeu com o tamanho delas.

A morte que rouba — veneno, ou algum fluido tóxico dos pântanos. Entra furtivamente em seu corpo por pequenas portas e vai embora levando sua alma.

Um ladrão.

A serpente agora deslizava na direção da garota de Krasarang. Ela chegara à parede da arena e não tinha mais aonde ir.

Dez sabia que não conseguiria passar no teste se os outros morressem. Não conseguiria erguer um sino sozinho. Foi uma constatação esquisita: ele *precisava* dos outros.

— Chan, você tem que confiar em mim, ou vamos todos morrer. A píton é a *morte que rouba*. Um desses sinos contém a *morte que salva*. Acho que são armas — ferramentas de matar, que podemos usar para nos salvar.

Dez fechou os punhos e correu em direção à fera sacudindo os braços. A criatura sibilou e se afastou da garota.

— Eu distraio a cobra e a afasto dos sinos! — gritou ele. — Bata neles! Preste atenção em qualquer som que vier de dentro!

A píton agora serpeava atrás de Dez, e ele teve que começar a correr. E se ele tentasse se esquivar entre os pilares? Ao olhar para trás, viu que Chan Pesado e a garota já estavam indo até os sinos enquanto a criatura o perseguia.

A cobra era mais rápida do que ele imaginara; Dez achou que não chegaria aos pilares a tempo. O sino que o Mestre Monte de Neve tinha chutado estava tombado mais à frente, e o ladrão pulou para se proteger atrás da parte bojuda enquanto mandíbulas se fechavam com força a centímetros do seu calcanhar.

Dez deu a volta e encarou a píton. O corpo enorme erguia-se diante dele, e a proteção do sino parecia insignificante naquela posição. A cobra atacou outra vez, e Dez mal conseguiu esquivar-se do borrão de escamas e presas. Atrás da fera coleante, ele viu Chan Pesado batendo em um sino. A garota da selva encostava a orelha na superfície de cobre com uma expressão atenta.

E então Dez compreendeu que seu plano tinha uma falha: ele estava armando dois rivais que iriam esperar que a píton o matasse e, então, com um competidor a menos, terminariam a prova com menos um concorrente.

Chan Pesado olhou para Dez e sorriu, dando tchauzinho. Ele abraçou um dos sinos e começou a empurrá-lo.

Dez rilhou os dentes, mas não podia culpar os outros aspirantes; o teste era de sobrevivência, não de popularidade. Mas queria ser mico de circo se deixasse aqueles dois se tornarem Shado-pan por cima do seu cadáver mirrado.

Ele correu até a boca do sino e se postou bem à frente da cobra gigante. Ela se afastou um pouco, surpreendida por aquela audácia, e sibilou de raiva.

Sendo ladrão, Dez aprendera a perceber os *tiques* das suas vítimas, uma expressão, gesto ou movimento que indicava que o alvo estava prestes a atacar. Aquilo salvara sua vida inúmeras vezes nas ruas.

A píton tinha um tique. Dez vira quando ela atacara o rapaz de cabelos longos, e depois quando ela o atacara. A serpente estirava a língua segundos antes de atacar, como se saboreasse o medo da vítima antes do abate. Dez observou o gingado hipnótico da cobra com as pernas dobradas, pronto para pular e atento ao menor movimento da língua — agora!

Dez saltou e a píton atacou. Para azar da fera, o impulso a fez avançar pela boca do sino ancestral adentro, e ela bateu o crânio com força contra o cobre robusto, produzindo um som belo e puro.

Um toque.

Dez aterrissou sobre as costas da criatura e saiu rolando, esquivando-se das espirais musculosas que estertoravam enquanto a cobra tentava tirar a cabeça do sino.

Ele se reuniu com os outros dois aspirantes a tempo de ver a garota de Krasarang retirar uma lança de sob o sino, rindo alto. Dez se agachou para ver o que mais havia ali — *a morte que salva*, de fato! Viu uma pilha de armas simples, mas afiadas, enfileiradas no chão: uma espada, uma maça, um machado e uma adaga. Apressou-se e os retirou de debaixo do sino inclinado, pegando a adaga para si. Ele se ergueu e usou o pesado cabo da arma para percutir um golpe contra a lateral do sino, usando toda sua força. Uma nota pura ecoou pelo dojo.

Dois toques.

Chan Pesado praguejou e mandou que pegassem uma arma para ele, pois não aguentaria segurar o sino por muito mais tempo.

— É para já — disse Dez, empurrando o machado para o aspirante.

— Já era tempo! — Chan ofegava com o esforço. — Cuidado com o sino!

E, dizendo isso, soltou o artefato, que bateu no chão com um clangor pesado, deslocando o ar.

Chan Pesado ergueu o machado com um sorriso. A garota de Krasarang sorriu de volta, manuseando a lança.

— Era *isso* que eu estava esperando — disse Chan Pesado. — Vamos mostrar para esse bicho como é que se mata bem matado.

Uma voz abafada veio de dentro do sino.

— Boa sorte para vocês, hein, gente!

Chan Pesado estacou e o sorriso sumiu de seu rosto.

— Cadê o pivete?

A garota de Krasarang deu de ombros.

— Só tem um lugar onde ele pode estar — disse ela.

Chan Pesado bateu contra a superfície polida, impenetrável e inexpugnável do sino.

— Que sua família seja mil vezes amaldiçoada, pivete desprezível! Você não tem vergonha? Que covarde imundo você é!

— Um covarde vivo, você quer dizer, Chan Pesado. Escute bem: a píton logo vai sair do sino. Ela é mais rápida do que você imagina. Observe a língua dela — ela estira a língua imediatamente antes de atacar.

Dez se recostou contra a parede fria do sino e ouviu enquanto os dois aspirantes discutiam sobre o que fazer com ele. No final, a serpente decidiu pelos dois. Dez ouviu gritos e sibilos. Um berro, um rugido.

Rapaz, que bom que estou aqui dentro.

Ele esperava que, agora que os outros candidatos estavam armados, a perícia das selvas da garota combinada à força de Chan Pesado bastassem para matar a fera. Houve mais gritos e outro sibilo. Ele ouviu algo caindo no chão, e um longo silêncio se seguiu. Então, alguém deu batidinhas no sino.

— Pítton? É você? — respondeu Dez.

A voz de Chan Pesado indicava cansaço e fúria.

— A cobra está no chão do dojo, cortada em vários pedaços, pivete. Agora Pei-Ling e eu vamos derrubar o terceiro sino, completar o teste e deixar você para apodrecer dentro do seu esconderijo de metal. Ou quem sabe eu volte aqui depois de me tornar um Shadopan e jogue outra serpente aí dentro para lhe fazer companhia.

Dez ouviu a garota de Krasarang (parece que Pei-Ling era o nome dela) rindo da ideia.

Mas que beleza. Eu arrumo armas e salvo a vida deles, e eles me odeiam.

Ele já estava acostumado com aquilo. Tinha sido a mesma coisa com o pai, os irmãos, os outros ladrões com quem convivia. Por que deveria esperar outra coisa daqueles aspirantes?

Não é possível mudar as estações.

Dez bateu no sino.

— Chan Pesado, olhe seu pulso. Acho que você perdeu alguma coisa.

Houve mais alguns segundos de silêncio e, em seguida, um grito de raiva.

Ladrão! Degenerado! Masca-raiz imundo amiguinho de hozen!

Os insultos continuaram assim por um bom tempo, então houve outro baque surdo. Era Chan Pesado que atracava-se ao sino.

— Esse bracelete foi um presenta da minha mãe, seu sapo deformado. Saia daí e me devolva ele agora!

Houve um grunhido, um espirro, e o sino começou a se inclinar. Dez saiu rolando de debaixo dele e deu de costas contra o terceiro sino. Pei-Ling estava sentada no chão, limpando o sangue da lança. Ela olhou para Dez e o saudou ironicamente, voltando a concentrar-se na arma. Dez ficou confuso. Ele jamais vira aquilo antes, nem de brincadeira.

Um sinal de respeito.

Chan Pesado derrubou o sino e se virou, bufando e tremendo tanto que mal podia erguer o machado. Tinha sido ferido na batalha, e uma perna de suas calças estava ensanguentada e rasgada como se ele tivesse sido arrastado pelo chão de pedra. O ferimento, nadar no lago gelado, ficar levantando os sinos... aquilo custara muito ao aspirante, e parecia que ele ia ficar resfriado. Mas a raiva de Chan Pesado o fazia avançar.

— Quero o bracelete, pivete — disse. Ele bateu o machado contra o sino, e Dez fez uma careta quando faíscas voaram com o golpe desajeitado.

— Calma, Chan. Aqui está sua bijuteria...

— Me dá isso agora!

Quando Chan gritou, o chão tremeu em uma onda sinuosa e atordoante que se espalhou em onda a partir do terceiro sino, derrubando o grande pandaren no chão. Credo tratar-se de algum truque de Dez, ele rugiu e ficou de joelhos.

— Pivete sujo! Ninguém rouba de Chan Pesado!

Pei-Ling gritou, apontando para o sino. Isso finalmente chamou a atenção de Chan, e ele se voltou com as sobrancelhas erguidas.

O sino estava sacudindo, indo de um lado para o outro. Houve um som de impacto, de metal sendo retorcido, e um rugido borbulhante...

... seguindo pelo som alto de alguma coisa se rachando. O último sino se partira ao meio. As magias ancestrais que o tinham protegido por tantos séculos dissolveram-se em fiapos vibrantes de energia brilhante quando uma garra negra destroçou o bronze espesso. As duas metades do sino caíram no chão com um clangor sincopado, revelando uma forma bruxuleante de fumaça e chamas negras.

Não, isso está vivo. É um monstro.

Parecia ser feita de pesadelos, uma sombra encarnada. Dez olhou com mais atenção e tremeu. A coisa horrenda estava agachada sobre o cadáver de um tigre, e foi então que Dez compreendeu que algo dera errado.

Era para o tigre ser o inimigo. A morte que se esconde, um caçador furtivo. Não essa coisa.

Ele se lembrou de que o Mestre Nurong mencionara um inimigo do qual Dez jamais ouvira falar antes — o "sha". O que o Shado-pan tinha dito mesmo?

Apenas ficar perto dele... acaba tornando as pessoas insensíveis a aspectos mais gentis da vida.

Ele rastejou até Chan Pesado e Pei-Ling, tentando empurrá-los para longe do tal *sha*. Ambos estavam paralisados de horror, e Dez notou que a criatura parecia crescer junto com o medo deles. Agora ela pulsava, movendo-se em sincronia com a respiração apavorada dos aspirantes. O sha já estava maior que os três juntos, e novas garras e tentáculos brotavam a cada segundo. O monstro não parecia disposto a atacar enquanto se alimentava do medo deles. Dez sabia que aquilo não duraria muito.

— Olhem para mim! Vocês dois!

Os dois olharam para Dez com a expressão transida de horror. Eles tinham treinamento em combate, sim, mas jamais enfrentaram um inimigo tão sombrio. Uma coisa era conhecer os caminhos da batalha. Outra bem diferente era conhecer os do medo.

Dez conhecia o medo. Ele pegou a adaga e a ergueu diante deles.

— Escutem! Nós não somos crianças assustadas. Nós somos Shado-pan. Nós cruzamos um lago de gelo; pegamos as moedas incandescentes; e matamos a morte que rouba. Esse é o nosso teste, nossa chance de provar nosso valor e entrar nas fileiras dos que caçam o mal. Nós *podemos* fazer isso.

Os outros dois aquiesceram, ganhando coragem com as palavras de Dez. O ladrão tirou o bracelete de dentro da túnica.

— Tome, desculpe por ter roubado de você, Chan. Eu acendi a raiva que alimentou esse bicho.

Chan Pesado olhou por sobre o ombro de Dez e estacou com uma expressão curiosa no rosto.

— O monstro. Ele encolheu quando você se desculpou.

Como se em resposta, um rugido partiu do sha, que começou a rastejar pela arena em direção a eles. Dez fez uma careta.

Oops. Talvez não tenha sido uma ideia muito boa.

Dez ajudou os candidatos a se levantar e eles recuaram tropeçando, afastando-se do sha. Ele sussurrou uma ordem rápida a Pei-Ling, e ela o saudou novamente antes de ir até o lado do monstro, que rugiu ao ver suas presas se dividindo. O sha decidiu se concentrar nos dois pandarens que tinha logo à frente.

Ao se afastar, Dez tirou o manto de suas costas e o ofereceu a Chan Pesado, que ainda estava todo ensopado.

— É melhor eu te dar isso também. Amarre na perna para parar o sangramento.

Chan Pesado pensou por um instante e estendeu a pata para o ladrãozinho. Dez sentiu a mão dele úmida e fraca.

— Eu... estou apavorado como nunca estive, pivete. Isso é um pesadelo. Mas eu sei que você vai encontrar um jeito de vencer esse obstáculo... assim como você correu por cima do lago. Fique com o bracelete; até minha mãe diria que você o mereceu.

Dez guardou o bracelete na túnica e apertou a mão de Chan o mais forte que pôde.

— Controle seu medo. Ande ao redor do monstro enquanto eu me aproximo. Não ataque.

Dez soltou a pata do aspirante e voltou-se para encarar o sha.

— E o meu nome é Dez.

Com um sorriso sinistro, Chan Pesado amarrou o manto na perna e se afastou. O monstro rugiu e partiu para cima dele. Dez se apressou, correndo na direção do sha com a adaga em riste. O sha se voltou para enfrentá-lo com garras e tentáculos erguidos. Dez encarou a coisa horrenda calmamente, ou pelo menos com o que ele esperava que parecesse calma.

— Seu lugar não é aqui, monstro.

O sha se aproximou com os tentáculos sombrios prontos para o ataque.

— O monastério é um lugar de meditação e estudo. Sua intrusão aqui vai contra...

Com um rosnado, o sha atacou Dez com um par de tentáculos do tamanho de galhos de árvore que assobiaram no ar como chicotes monstruosos. Nem mesmo Dez pôde se esquivar deles, e o golpe o arremessou longe.

Ok, isso doeu para caramba.

Dez se ergueu morrendo de dor. Quebrara uma costela, e um fio de sangue escorria de sua boca. Não perdera a adaga, e a ergueu com esforço enquanto o sha ia em sua direção.

— Eu sou órfão desde os sete anos. Eu dormi em esgotos e lutei contra bichos imundos disputando comida. Eu me abriguei da chuva em becos sujos entre ladrões e assassinos.

O sha rugiu e atacou mais uma vez. Dez caiu para trás novamente e sua adaga quicou pelo chão de pedra. Outra costela quebrada. Será que ele aguentaria ficar de pé? Ele precisava. Gemendo, ergueu-se lentamente. Muito sangue lhe descia pela face.

— Você acha que eu não sei o que é apanhar, monstro? Não faz muito tempo, eu fui espancado por um açougueiro por roubar o lixo dele... e por um ferreiro, por tentar esquentar as patas na forja.

Um tentáculo grosso estalou, envolvendo-o e apertando com força. O sha arrastou Dez para perto de sua boca cheia de presas. Dez perdera a daga, e, remexendo na túnica com a pata livre, sentiu o toque frio e sólido do bracelete de Chan Pesado.

— Eu vivi à sombra da fome, da dor e da morte a vida inteira — rugiu o ladrão. — Você não me assusta.

Ele bateu com o braço na cabeça sha, e o grande bracelete dourado de Chan estourou um dos olhos brilhantes da criatura. O sha guinchou e derrubou sua vítima, recuando espasmodicamente com os tentáculos coleando de agonia. Dez se ajoelhou, cuspidando sangue. O sha agora não era muito maior do que ele.

— Agora, Pei-Ling! — gritou, esperando que os urros do monstro não abafassem sua voz. A garota de Krasarang surgiu das sombras com a lança em riste. Ela a enfiou no sha, usando a força do impulso para empurrar a criatura para longe de Dez, em direção a Chan Pesado, que aguardava perto do primeiro sino.

— O sino, Chan! — gritou Dez, tentando se erguer. Ele orou para que o grande pandaren ainda tivesse forças para realizar um último esforço.

Chan Pesado assentiu, já adivinhando o plano de Dez. Ele se agachou, abraçou o sino e, com um estrondoso rugido, ergueu-o no ar.

Pei-Ling empurrou o sha para junto de Chan Pesado a toda velocidade. O monstro estava enlouquecido de dor, e seus tentáculos e garras se sacudiam cegamente em abandono. Acertou a garota, arrancando sangue de seus ombros e braços.

Com um grito, ela arremessou a lança — e o sha — bem dentro do sino. Chan Pesado cambaleou para trás com o impacto e grunhiu ao bater com a boca do sino no chão outra vez. O chão estalou com o peso.

O sino sacudiu com a agitação furiosa dos tentáculos presos sob a sua boca. Chan Pesado puxou o machado do cinto e começou a decepá-los um a um. Pei-Ling se juntou a ele, usando o pé para prender os tentáculos no chão enquanto o machado subia e descia.

Dez cambaleou até eles, segurando firme o flanco dolorido.

— Isso vai segurar o monstro se mantivermos as emoções sob controle.

Pei-Ling deu uma risada áspera.

— Acho que isso não vai ser problema — disse.

Dez e Chan Pesado olharam para o chão. O sino aquietara-se. Um fluido escuro borbulhava e fumegava nas rachaduras do chão. Dez limpou o sangue da testa para impedir que lhe chegasse aos olhos.

Vamos tentar fazer soar os pedaços do terceiro sino. Acho que nós passamos no Teste da Força.

A Mestra Sábio Sussurro e o Mestre Monte de Neve estavam discutindo serenamente no terraço que dava para o lago congelado; suas expressões eram igualmente serenas. Era assim que os Shado-pan discutiam, pensou Dez, e depois da luta com o sha, fazia sentido. O ladrãozinho se inclinou, tentando ouvir o que eles diziam, mas as palavras dos mestres se

perdiam no vento frio. O movimento fez com que suas costelas, ainda não totalmente curadas, doessem. Dez fez uma careta e sentou-se novamente.

Houvera algum alarme com a descoberta de um sha no monastério, e os aspirantes foram interrogados repetidas vezes sobre o que acontecera. Agentes Shado-pan foram enviados para investigar o que houvera de errado. Enquanto esperava na enfermaria, Dez soubera que o tigre esperando sob o terceiro sino fora enviado como tributo pela aldeia de Gruta Galhareda, mas parecia que nenhum dos aldeões sabia nada sobre o presente. Dez ouvira os acólitos sussurrando sobre uma conspiração dos mantídeos, ou mesmo mogus. Independentemente disso, alguém tentara corromper a prova das Flores Vermelhas e macular a sagrada tradição Shado-pan. Pelo que Dez tinha entendido, as coisas podiam ter sido bem piores. Se o sha tivesse matado os aspirantes, poderia ter-se escondido facilmente no monastério e começado a corromper os Shado-pan em seus pontos mais vulneráveis. Ninguém teria suspeitado de nada; afinal, aspirantes morriam em toda prova.

Ou seja: Dez, Pei-Ling e Chan Pesado eram heróis.

Dez olhou para Pei-Ling, ajoelhada ao seu lado. Ela estava usando o uniforme de acólito, e o cachecol branco realçava o pelo coberto de neve de suas orelhas. A garota de Krasarang sorriu e acenou para o grande vulto ajoelhado ao lado dela. Chan Pesado também usava o uniforme de acólito, mas com um manto sujo e esgarçado no lugar do cachecol. O ladrãozinho revirou os olhos; pelo jeito Chan Pesado jurara usar o manto de Dez como símbolo de honra pelo tempo em que fosse um Shado-pan.

Se é que somos mesmo Shado-pan.

E esse era o motivo pelo qual os três tinham sido convocados. Parecia estar havendo algum debate sobre se eles mereciam ou não um lugar na ordem. Depois de todo o interrogatório, Dez, Chan Pesado e Pei-Ling receberam a visita do Mestre Monte de Neve enquanto se recuperavam na enfermaria. Fora ele que os cumprimentara por sobreviver a um teste que não teria dado nem aos seus alunos mais avançados. Disse que estava orgulhoso da força dos aspirantes e que não haveria mais testes para provar que eles eram dignos da ordem. Quando os três estivessem curados e prontos, poderiam começar o

treinamento no dojo. Acólitos apareceram atrás do Mestre Monte de Neve, curvando-se ao apresentarem os uniformes para os aspirantes.

No dia seguinte, a Mestra Sábio Sussurro retornara com mais acólitos. Ela agradeceu aos aspirantes por sua bravura, mas disse que a tradição pedia *três* testes, e assim, a Prova das Flores Vermelhas não tinha sido completada. A intrusão do sha fora infeliz, mas proporcionara um valioso treinamento de combate e certamente servira como teste de força. Não era, repetiu, um teste de espírito. Será que ela deveria aprovar os aspirantes que tinham congelado no lago só porque aquele estava sendo um dos invernos mais frios da história? Seus acólitos então removeram os uniformes de Dez, Chan Pesado e Pei-Ling, curvando-se para os aspirantes ao saírem. No dia seguinte, o Mestre Monte de Neve devolveu os uniformes. Isso durara uma semana.

E agora todos estavam ali esperando. Os dois mestres se viraram e retornaram para onde estavam os aspirantes, ajoelhados. A Mestra Sábio Sussurro ergueu a sobrancelha.

— Eu peço perdão por nossa inconstância, jovens pandarens. Tenho certeza de que o Mestre Monte de Neve também pede desculpas. É isso o que acontece quando se abandona a tradição: caos.

O Shado-pan maior curvou a cabeça em reconhecimento, e a sombra de um sorriso despontou em seu rosto ao pedir que ela continuasse.

— Nós passamos a manhã debatendo sobre tradição versus pragmatismo, e chegamos a um consenso. Nós decidimos que... não cabe a nós tomar essa decisão.

Nesse ponto, a Mestra Sábio Sussurro se afastou e o Mestre Monte de neve tomou o lugar dela.

— A decisão sobre um terceiro teste deve ser tomada pelo Shado-pan responsável por ele. Infelizmente, ele partiu logo depois do seu encontro com o sha. Era seu dever; como mestre do Wu Kao, assuntos que dizem respeito ao nosso inimigo hediondo estão na jurisdição dele.

Um falcão gritou, e Dez sorriu. Ele conhecia aquele som.

— Eu agradeço sua paciência, caros colegas.

O Mestre Nurong adentrou o terraço. Suas botas estavam pesadas com a neve e seu manto trazia sinais da viagem. Dez notou marcas castanho-escuras em sua manga. Em uma pata o mestre Shado-pan carregava uma grande besta; na outra, uma sacola. A lança que Dez conhecera no telhado meses antes estava presa às suas costas. O Mestre Nurong atirou a sacola aos pés do Mestre Monte de Neve e da Mestra Sábio Sussurro.

A sacola se abriu e três cabeças rolaram pelo chão de pedra. De início Dez, pensou que fossem crânios; depois notou os olhos bulbosos de insetos. As mandíbulas serrilhadas.

Mantídeos.

Cada cabeça fora perfurada por um tiro de besta no olho, e a Mestra Sábio Sussurro ergueu uma delas com uma expressão de curiosidade acadêmica.

— Eu rastreei esses assassinos em seu covil escondido, perto de Galhareda — disse o Mestre Nurong. Sua voz era calma e profunda, como Dez se lembrava dela. — Eu não descobri nada com eles; espiões mantídeos não falam sob tortura. Eu removi seus membros mesmo assim, para me certificar.

O Mestre Monte de Neve aquiesceu, depois acenou para um acólito que se posicionava perto da muralha mais afastada. Ele se apressou em enfiar as cabeças na sacola, pegando a que a Mestra Sábio Sussurro segurava e fazendo uma medida.

— Bem, agora sabemos de onde partiu o ataque, ou pelo menos temos fortes provas de sua origem — disse a Mestra Sábio Sussurro. — Infelizmente isso não mudará nossas táticas ao longo da muralha. Nós fortificaremos onde pudermos, mas nossas forças ainda estão em desvantagem.

O Mestre Nurong sorriu e, pela primeira vez, olhou para os aspirantes.

— Pelo menos temos três novos e capazes membros em nossa ordem, ou logo teremos, se eles passarem pelo teste final.

O Mestre Monte de Neve pigarreou, franzindo o cenho. — Eu imaginei que você mais do que ninguém ficaria impressionado com a coragem que esses jovens aspirantes demonstraram ao destruir um sha. Existe outra maneira de testar o espírito Shado-pan?

O Mestre Nurong respondeu com convicção: — Eu *estou* impressionado. Pelo que ouvi, os aspirantes demonstraram coragem, força e... inteligência considerável. — Ele acenou para Dez, que piscou sem jeito e abaixou a cabeça.

— Mas a tradição demanda três testes. E três testes é o que teremos antes que os aspirantes sejam admitidos aos Shado-pan.

A Mestra Sábio Sussurro fez uma mesura, e sua expressão estava plácida (talvez o mais perto que ela conseguia de um sorriso). Deu um passo para trás e o Mestre Nurong se juntou a ela diante dos três jovens pandarens. O Shado-pan caolho cruzou os braços.

— Aspirantes, de pé.

Dez, Pei-Ling e Chan Pesado se levantaram.

— Eu sou o Mestre Nurong da disciplina Wu Kao. Os Wu Kao são batedores, caçadores, espões e assassinos. Nós somos a morte nas sombras e ensinamos os monstros a temer a escuridão.

— Vocês passaram pelo primeiro teste e foram marcados por sua determinação. Olhem para suas patas: vocês carregam nosso sinal.

Os três aspirantes olharam e viram as cicatrizes circulares em suas palmas, que tinham acabado de sarar. As marcas tinham a forma do desenho impresso nas moedas: a cara de um tigre. Dez viu que Chan Pesado estava sorrindo.

É claro. Ele tem três.

O Mestre Nurong continuou: — Vocês passaram pelo segundo teste e foram marcados por sua força. Essas cicatrizes são mais numerosas, e eu asseguro que inúmeras outras se juntarão a elas se vocês entrarem para a ordem.

Dez passou a mão na bandagem em sua cabeça e assentiu solenemente.

— Vocês derrotaram um inimigo que somente nossos soldados veteranos ousam enfrentar. Vocês testemunharam o horror do sha e sentiram a presença sombria da criatura em seus corações e mentes. E embora sua coragem e força tenham salvado suas vidas, o custo da batalha foi maior do que vocês pensam. Há um motivo para não mandarmos guerreiros destreinados para enfrentar esse inimigo.

"Assim que a batalha começou, o sha conheceu e marcou vocês. E quando o sha deixa sua marca em alguém, essa marca nunca desaparece. Cada encontro que vocês tiverem com ele a partir de agora será mais difícil e aterrorizante. O sha *conhece* vocês agora. E conhece suas mentes, suas fraquezas, seus medos."

E Dez compreendeu que ele realmente *sentira* medo. Medo como ele jamais sentira antes. O que o Mestre Nurong disse era verdade: ele fora marcado. Dez conteve um arrepio e olhou para os mestres com uma expressão angustiada nos olhos.

Os rostos deles eram impenetráveis. O Mestre Nurong fechou o olho.

— E agora chegou a hora do terceiro e último teste.

"Os sha são o poder coletivo de todo o medo, ódio e mal em nossa terra. São um inimigo que não demonstrará piedade e nunca se cansará. Eles manipulam os mantídeos e fazem com que os yaungóis ataquem nosso povo. Como Shado-pan, é o nosso dever destruir o sha. Nós somos a espada e o escudo contra o terror deles, a única linha de defesa contra o mal que eles desejam causar em Pandária.

"Ao entrarem para nossa ordem, vocês estarão escolhendo combater o sha de novo. E de novo. Pelo resto das suas vidas. Nós treinaremos vocês para destruí-los, e nós armaremos vocês contra o medo, mas uma coisa apenas é certa: o sha jamais irá desaparecer.

"Seu último teste é este: fazer o juramento de lealdade aos Shado-pan. Sabendo o que vocês sabem, e com as cicatrizes que carregam. Vocês se unirão a nós?"

De repente, Dez sentiu frio, um frio que veio do fundo dos seus ossos.

Enfrentar o sha de novo? Nós... nós mal sobrevivemos dessa vez. E agora ele me conhece? Eu não posso fazer isso de novo... não posso encarar o medo, não vou aguentar ser esmagado outra vez.

Uma brisa soprou no terraço, e Dez estremeceu. O vento frio da maldita montanha fazia suas costelas doerem. Dez olhou para a pequena cicatriz em sua pata. Pensou em voltar para Meia Colina, para o seu lar nos becos.

A vida lá não era tão ruim assim. Eu sobrevivia, não é? Eu me saía bem como ladrão.

Um ladrão.

Pena Branca gritou do alto céu azul. E Dez percebeu que aquele título não mais lhe servia. Tinha ficado pequeno demais.

Não é possível mudar as estações.

Dez se postou diante do Mestre Nurong e tomou-lhe a pata.

— Eu farei o juramento e me unirei aos Shado-pan, Mestre Nurong.

Pei-Ling se postou ao lado de Dez. Chan Pesado também.

— Eu farei o juramento, Mestre Nurong.

— Eu também.

A Mestra Sábio Sussurro fez uma careta e se adiantou, colocando a pata no ombro largo do Mestre Nurong.

— Mas eles não podem jurar e esperar que *isso* seja o teste! O juramento só pode ser feito *depois* de se passar no teste. Isso vai contra séculos de tradi...

— *Você não* me ensinará o meu trabalho, Yalia!

As palavras fortes do Mestre Nurong ecoaram no terraço, sua voz carregando um tom não de raiva, mas de aviso perigoso. A Mestra Sábio Sussurro se afastou, sua expressão agora vazia.

— A tradição manda que o mestre Wu Kao arbitre o último teste. Eu fiz isso. Estes aspirantes escolheram servir seu povo, sabendo muito bem o terror que os espera nos próximos anos. Eles mostraram que têm a coragem e a força de espírito de que os Shado-pan precisam nessa hora sombria.

Pena Branca voou até o terraço e pousou no ombro do seu mestre.

— Vocês passaram no último teste, jovens Shado-pan. Vocês farão o juramento para o Lorde Taran Zhu ao pôr do sol na Ponte da Iniciação — e não, ela não vai derrubar vocês no lago dessa vez.

Os outros mestres saíram do terraço seguidos por seus acólitos. Dez notou que a Mestra Sábio Sussurro não olhou em seus olhos uma única vez. Ele se perguntou se ela sempre seria assim tão azeda. Não estava nem um pouco entusiasmado para treinar com ela. Mas aquilo ficaria para outro dia.

Hoje, eu sou um Shado-pan.

Ele fez uma mesura e seguiu Pei-Ling e Chan Pesado. Eles se mudariam para o dormitório, e Dez estava empolgado por ter uma cama só sua — com sorte, perto dos seus novos amigos.

— Dez do Pergaminho Apimentado, quero ter uma palavrinha com você.

Ele se voltou e viu o Mestre Nurong sentado em um banco de pedra na ponta do terraço. O Shado-pan caolho se recostava contra a muralha, obviamente cansado da jornada. Dez se aproximou respeitosamente, com a cabeça abaixada.

— Sim, mestre?

O Mestre Nurong fitou Dez com um olho cansado e estendeu a pata.

— Você tem uma coisa que me pertence. Eu gostaria de pegá-la de volta.

Dez sorriu e meteu a pata na túnica.

— Desculpe-me, Mestre. Não é possível mudar as estações... mas hábitos antigos costumam a morrer.